

MUNDOS IMAGINADOS: AS BRASILEIRAS E OS MEDIA EM PORTUGAL

Resumo

Este texto visa reflectir sobre as mulheres brasileiras imigradas e os consumos, em Portugal, dos Media. Inicia-se a exposição esboçando um panorama da imigração brasileira, em seguida aborda-se a situação social da mulher portuguesa e da mulher brasileira imigrada. Por último, discorre-se sobre a imagem das mulheres brasileiras nos Media portugueses e sobre o consumo das Indústrias Culturais, tendo em conta a relevância das telenovelas da rede Globo.

Palavras-chave: Imigração brasileira em Portugal; mulheres imigrantes brasileiras; indústria cultural brasileira em Portugal; representações nos Media.

Isabel Ferin Cunha

Instituto de Estudos Jornalísticos/Universidade de Coimbra. Projecto com sede no Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ, Lisboa) apoiado pela FCT/FEDER POCTI/COM/45553/2002.

1. A Imigração Brasileira em Portugal

Na viragem da década de oitenta para noventa, na contra-corrente dos sucessivos planos de estabilização económica dos presidentes brasileiros Sarney e Collor de Mello, inicia-se a primeira vaga de imigração brasileira para Portugal. Até 1994/95 esta corrente, constituída por grande número de indivíduos possuindo um estatuto sócio-económico elevado¹ — empresários, dentistas, publicitários, técnicos de informática e audiovisual — não ultrapassou na sua totalidade os 10 000 indivíduos. A partir de então, e sobretudo entre 1998 e 2004, esta corrente imigratória adquire uma maior intensidade, diversificando-se a base de recrutamento e o perfil do imigrante, e dando origem à segunda vaga de imigração brasileira.²

Não há registos coincidentes sobre o número actual de brasileiros a viver em Portugal. Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2003, estariam regularizados cerca de 26 561 brasileiros, mas dados de 2004, do Instituto Nacional de

¹ M.I. BAGANHA e P. GÓIS, 1998/1999, «Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?» *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Coimbra), 52/53: 229-280.

² Dados retirados do trabalho apresentado pelo Presidente da Casa do Brasil em 2003. Cfr. VIANNA, C. 2003, «A comunidade Brasileira em Portugal», in M. LAGES e V.POLICARPO, *Atitudes e valores perante a imigração*, Lisboa, ACIME: 72-90.

Estatística (INE) apontam para um número superior a 100 000 entre os que se encontram em situação legal e ilegal.³ Estes dados fazem dos brasileiros a segunda maior comunidade residente em Portugal, logo em seguida à comunidade cabo-verdiana e à frente da ucrâniana, independentemente da sua situação jurídica. Por outro lado, trata-se de uma imigração constituída maioritariamente por jovens solteiros ou divorciados/separados, entre os 20-35 anos, sendo que aproximadamente 60% seriam homens e 40% mulheres.⁴

Muitos autores referem como determinante para o aumento recente do fluxo de imigrantes, a conjugação entre o agravamento das condições económicas e a emissão em Outubro de 1999 do programa *Fantástico* da *TV Globo* sobre Portugal. Neste programa dedicado à comunidade brasileira radicada em Portugal, acentuavam-se as oportunidades de uma economia em crescimento acelerado, a empregabilidade, a facilidade de língua e o bom acolhimento dos *irmãos de além-mar*.⁵ A mesma imagem sobre o sucesso da imigração brasileira em Portugal é reforçada em outras revistas direccionadas para as classes médias brasileiras, nomeadamente na revista *Veja*.

Segundo o mesmo estudo a imigração brasileira tem origem nas grandes e médias cidades dos principais estados brasileiros (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e mais recentemente em estados como o Paraná, Santa Catarina e Goiás) e apresenta um nível de escolaridade acima das médias brasileiras e portuguesas. Fazendo-se a ressalva que, tradicionalmente, o percurso da imigração tende a remeter os imigrantes para profissões menos qualificadas que as exercidas no país de origem, assinala-se que em Portugal, o grande contingente de mão de obra brasileira empregada situa-se no comércio e na restauração. No entanto, há cada vez mais operários brasileiros na construção civil e poucos indicadores sobre profissionais graduados que conseguem emprego na sua área de especialidade. Outro dado importante prende-se com as motivações e redes de sociabilidade que levaram à imigração, sendo que os poucos estudos realizados apontam para motivações de ordem económica (os salários baixos no Brasil) associadas ao voluntarismo e à aventura de tentar uma nova vida, salientando-se o papel dos familiares e vizinhos no momento de decisão e partida.⁶

³ R.D. FELNER, 2003, «Em breve haverá 100 mil legalizados a viver em Portugal» *Jornal Público* (Lisboa), 2 Nov.: 2-3.

⁴ Estimativas da Casa do Brasil após a realização de um estudo empírico na região da Grande Lisboa. Cfr. CASA DO BRASIL/ACIME, *2ª Vaga de Imigração em Portugal: 1998-2003*, Lisboa, OI/ACIME, 2004.

⁵ C. VIANNA, *A comunidade Brasileira...*, *op. cit.*: 72-90.

⁶ P.L. ROSSI, *Remessas de imigrantes brasileiros em Portugal*, Lisboa, SOCIUS, Working Papers, nº 10, 2004.

Numa sondagem à população portuguesa, realizada em Novembro de 2002, são os imigrantes brasileiros que acolhem um maior número de respostas tendencialmente favoráveis à integração por parte dos respondentes portugueses. Um resultado que sobressai numa sondagem realizada com vista à identificação de atitudes e valores perante a imigração,⁷ onde há indicadores que demonstram uma crescente oposição, independentemente das origens, à entrada de mais imigrantes. Num outro estudo,⁸ os dados apontam, contraditoriamente, quer para um maior enraizamento dos imigrantes, quer para mecanismos de discriminação. O enraizamento é detectável através de diversos indicadores como, o progressivo movimento de reagrupamento familiar (quatro em dez imigrantes não pensam, neste momento, em voltar), o número crescente de casamentos celebrados (por casamento com cidadão português ou brasileiro) e as solicitações de aquisição de nacionalidade por naturalização. Os indícios de discriminação estão assinalados nas relações de sociabilidade (conflitos no quotidiano) e na gestão social das oportunidades de trabalho e habitação.⁹

Leituras interpretativas da imigração brasileira

Há uma vasta literatura teórica, iniciada no século XIX, sobre as Migrações produzida por diferentes disciplinas, principalmente pela Demografia e a Sociologia, que visa explicar as razões que dão origem e condicionam esses fenómenos. As diversas teorias explicativas oscilam entre a micro e a macro análise interpretativa, valorizando ora as condicionantes particulares que levam à tomada de decisão individual de imigrar, ora as diversas *forças* que impelem populações, geograficamente determinadas, à imigração.

Tendo como base essas diferentes teorias e os poucos estudos empíricos realizados, até este momento, sobre as duas fases da imigração brasileira em Portugal (1989-1996;1997-2004) avançam-se algumas hipóteses para a compreensão desta realidade plurifacetada. Em primeiro lugar, os dois momentos desta imigração podem ser compreendidos em função das teorias espaciais dos sistemas migratório que atribuem contextos históricos particulares a determinados fluxos migratórios. Nesta

⁷ M. LAGE e V. POLICARPO, *Atitudes e valores perante a imigração*, Lisboa, ACIME, 2003.

⁸ Projecto financiado pelo ACIME/OI e coordenado pelo presidente da Casa do Brasil, C VIANNA divulgado pelo jornal *Público* (Lisboa), 2 de Nov. 2003: 2-4.

⁹ R.D. FELNER, 2003, «Brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões: A língua, afinal, não facilita as relações transatlânticas»; «Os imigrantes brasileiros vivem á parte, fazendo amizades entre si, namorando entre si»; «Choque cultural, choque sexual, ou mero efeito das *mães de Bragança?*», *Jornal Público* (Lisboa), 2 de Nov.: 4.

perspectiva, salientam-se as dinâmicas recíprocas em ambos os sentidos, as ancestrais redes relacionais de natureza cultural ou simbólica de origem institucional, com características étnicas, ou, ainda de dimensões familiares. Ao aprofundar-se a análise das duas etapas migratórias, à luz das teorias macro-sociológicas, encontram-se diferenças substanciais. Assim, e tendo em conta as lógicas do mercado de trabalho dual, enquanto a primeira fase desta imigração se situa no mercado primário – caracterizado por condições de estabilidade e bons salários – a segunda fase insere-se no mercado secundário – caracterizado por condições precárias e baixos salários.¹⁰

Deste modo, a imigração brasileira compreendida entre os anos de 1989-1996 – que envolve quadros superiores (dentistas, publicitários, técnicos de informática e audiovisual) e empresários, num total de cerca de 10 000 cidadãos – situar-se-ia no mercado de trabalho primário. Estes indivíduos foram atraídos, na maioria dos casos, por *nichos* de mercado em expansão representando para os empregadores, e para a sociedade em geral, uma mais valia e um reforço qualificado das forças de trabalho nacional. São exemplo desta realidade os profissionais que chegaram por volta de 1992 e vieram suprir as necessidades do mercado em expansão dos Media criado pela concessão de redes de televisão a operadores privados. Esta imigração que entra por canais legais em Portugal e vê reconhecidas as suas competências e qualificações, concorre em pé de igualdade com os nacionais por melhores salários e estatutos sociais. Não admira, portanto, que as fricções resultantes da sua chegada se façam sentir sobretudo no seio de organizações corporativas (Ordem dos Médicos e universidades públicas) dando origem a tensões políticas e a acordos reguladores bilaterais, como os que certificaram a actividade dos dentistas e o reconhecimento de diplomas do ensino superior.

A segunda fase desta imigração situa-se, por outro lado, no sector secundário do mercado de trabalho, caracterizando-se os seus integrantes por possuírem, na generalidade, um estatuto jurídico precário que se traduz em vistos temporários associados a contratos de trabalho a termo certo, ou, mesmo a situações *toleradas* de trabalho com vistos de turismo válidos por seis meses, em função da prorrogação prevista nos acordos bilaterais Portugal-Brasil. As tarefas desempenhadas por estes indivíduos estão, principalmente, recenseadas nos sectores de serviços, sobretudo comércio e restauração, postos de trabalho que não promovem nem qualificação, nem

¹⁰ J. PEIXOTO, *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*, Lisboa, SOCIUS/ISEG, nº 11, 2004.

carreira aos seus agentes, mas exigem alguma especialização e qualificação para o seu exercício. Aprofundando esta perspectiva e cruzando estes dados (obtidos nos poucos estudos realizados) com estudos sobre a evolução demográfica portuguesa – caracterizada pelo envelhecimento acelerado da população e fluxos migratórios de jovens para outros países europeus – e os seus níveis de empregabilidade,¹¹ podemos ter como hipótese que o 2º contingente de brasileiros vem suprir, não só um défice demográfico, pois situa-se na faixa dos 20-35 anos, como preencher os postos de trabalho criados pela modernização do sector dos serviços, nomeadamente do comércio e indústrias afins. Acresce que esta população, maioritariamente jovem, traz uma escolaridade maior à média portuguesa, hábitos de vida e consumo em centros urbanos mais populosos, bem como experiências num mercado de trabalho mais dinâmico, disciplinado e competitivo. Contraditoriamente esta imigração, apresentando indicadores que apontam para a sua inserção no sector secundário, reflecte, também, particularidades do mercado primário de trabalho, ao ser vista pelo patronato, e por grande parte da sociedade, como um factor de modernização do país. Por outro lado, em função da concentração no sector de serviços, comércio e restauração, pode-se ter como hipótese, à luz das teorias explicativas das migrações, que os brasileiros constituem um fluxo migratório com características de *especialização étnica*. Uma hipótese que poderá ser validada pelos acordos realizados pelo sector hoteleiro português com organizações profissionais brasileiras, no sentido de recrutar mão-de-obra para estas actividades. Finalizando estas reflexões, talvez não seja um acaso que as fricções, entre a sociedade de acolhimento portuguesa e a comunidade brasileira, tendam a surgir nas classes médias e médias-baixas em torno de práticas culturais e estereótipos comportamentais, associados ao que é *o/a brasileiro/a* e o que é *o/a português/a*.

II. Contextos sociais da Mulher em Portugal

As mudanças desta última década aproximaram, indiscutivelmente, a sociedade portuguesa das outras sociedades europeias, nomeadamente no que se refere à família, aos índices de casamento e de divórcio, assim como de nascimentos. Contudo, apesar da taxa de actividade feminina ser das mais altas na União Europeia, continua a caber às

¹¹ DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PLANEAMENTO, *Portugal 1995-2000: Perspectivas da Evolução Social*, Oeiras, Celta/DEEP/MTS, 2002.

mulheres o grosso das tarefas domésticas e de criação dos filhos, perspectiva que acentua a Família como *um bastião de comportamentos tradicionais*.¹² Se cruzarmos estes estudos com um conjunto de sondagens/inquéritos¹³ sobre a Família e o papel da mulher obteremos indicadores extremamente conformistas: a ideia que a liberdade sexual e o divórcio destroem a família; a ideia que a actividade remunerada da mulher põe em causa a família e a educação dos filhos. Estes dados confirmam aquilo que já foi referido por alguns autores como constituindo *os paradoxos da situação das mulheres em Portugal*,¹⁴ pois se por um lado há legislação, e dados, que presumem a igualdade entre mulheres e homens tanto nas relações familiares como profissionais e cívicas, por outro lado o quotidiano é pautado por aspectos altamente gravosos para a igualdade e cidadania das mulheres. Se a esta realidade se associar os dados disponíveis por regiões chega-se à conclusão que estas tendências acentuam-se nas zonas do Interior e Norte rural, assim como nas periferias das grandes cidades, sendo transversais às diferentes classes sociais e correspondendo a opções políticas e religiosas de cariz conservador.

O agravamento da situação económica, nos últimos três anos, tem afectado de forma desigual as regiões portuguesas, não só pelo deslocamento de grande número de empresas e multinacionais (indústrias de calçado e fiação) para países de mão-de-obra mais barata mas também, pelo estrangulamento provocado pela quebra de investimentos e de transferências financeiras do governo central para as câmaras municipais destas regiões. Deve-se igualmente salientar que grande parte da indústria que tem vindo a deslocalizar-se, abandonando o Norte e Interior, empregava mão-de-obra pouco qualificada, sobretudo mulheres com uma média etária situada acima dos quarenta anos. Tradicionalmente, estas regiões apresentam indicadores de comportamentos e valores mais conservadores (mais casamentos, mais filhos, menos divórcios e menos escolaridade) e são grandemente influenciados pela Igreja Católica. Simultaneamente são, também, as regiões que mais contribuem para a emigração — hoje com carácter sazonal — destinada aos países da Europa Comunitária e, contrariamente, as regiões com menor capacidade de atrair e acolher estrangeiros nas suas terras.¹⁵

¹² A. N.ALMEIDA, 2002 «Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis», in J. VALA, M.V. CABRAL, A. RAMOS (eds.) *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, 2002.

¹³ J. DE SÁ e L. RETO, *Voxpopuli: o estado da opinião em Portugal*, Lisboa, Bertrand Ed, 2002.

¹⁴ Cfr. O artigo de: V. FERREIRA, 1999, «Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal», *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Coimbra), nº 52/53:199-227.

¹⁵ Dados recolhidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e disponibilizados on-line :«Bragança é pouco atraente para os estrangeiros», <http://www.sef.pt/estatisticas.htm>

É neste contexto de grandes alterações sociais e económicas, pautadas pela mobilidade da emigração e da imigração que muitas trajectórias femininas se cruzam quotidianamente. Assim, pode-se encontrar portugueses e portuguesas que foram emigrantes na Europa rica e voltam às suas terras para gozar as poupanças amealhadas e reformas tranquilas, mulheres que ficam e homens que se deslocam sazonalmente para trabalhar na Alemanha ou na Suíça, bem como jovens que saem das suas terras com o objectivo de ganhar dinheiro para construir uma casa, comprar um carro ou economizar para poder casar. Por outro lado, chegam a essas terras outros homens e sobretudo muitas mulheres, vindos não só de diversas regiões do Brasil, mas também dos países do Leste da Europa com os mesmo objectivo, ganhar dinheiro e regressar a casa.

A mulher brasileira imigrante: visibilidade e hiper-exposição

Extrapolações aos poucos estudos realizados permitem pensar que a comunidade brasileira é constituída por cerca de 40% de mulheres, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, maioritariamente solteiras ou divorciadas e com escolaridade superior à dos homens.¹⁶ Estes indicadores, sobretudo a juventude das imigradas, sugerem projectos individuais que passam pela valorização do capital humano associado a razões de ordem racional, por exemplo ter à partida a pressuposição que poderiam ganhar mais realizando as mesmas tarefas num outro país, ou emocional, associadas a novos ciclos de vida, nomeadamente a fases pós separação, divórcio ou emancipação parental. Outros dados empíricos, apontam para o facto das mulheres declararem, mais que os homens, pretender regressar logo que juntarem algum dinheiro, o que pode levar à hipótese interpretativa que muitas destas mulheres funcionam como elos de redes de sociabilidade maiores, chegando a Portugal com a perspectiva de ajudar os familiares que ficaram, o que constitui projectos individuais de imigração.¹⁷ Esta realidade parece ser confirmada por trabalhos já realizados e em curso, que apontam simultaneamente para razões de ordem económica (salários baixos, mais que o desemprego) e familiar (divórcios, separações, imigração do companheiro, violência doméstica) para a decisão de imigrar.¹⁸ No entanto, grande parte destas mulheres

¹⁶ P.L.ROSSI, *Remessas de imigrantes brasileiros ...*, *op.cit.*: 11-12.

¹⁷ Documento produzido pela Caso do Brasil intitulado «2ª vaga de imigração dos brasileiros», acessido em 11/01/2004, em <http://www.casadobrasildelisboa.rcts.pt>

¹⁸ Segundo dados preliminares obtidos em entrevistas e *focus group* desenvolvido no Projecto *TV e Imagens da Diferença*, coordenado por I.F. CUNHA financiado pela FCT/FEDER, POCTI/COM/45553/2002 e em E.SERTÓRIO e F.PEREIRA, *Mulheres imigrantes*, Lisboa, Ela Por Ela, 2004.

encontra-se em Portugal com vistos de turismo ou, na melhor das hipóteses com vistos de permanência, que vinculam a sua estadia à obtenção de um contrato de trabalho válido.¹⁹ Esta situação não impede que interrogadas sobre a sua satisfação com as condições de imigração digam que se encontram medianamente satisfeitas, sobretudo no que respeita aos vencimentos, pois consideram que a qualidade da sua vida (horários de trabalho, habitação e lazer) se mantém igual, ou até piorou ligeiramente.²⁰

Por outro lado, outros estudos realizados ou em curso revelam que as mulheres imigrantes desta 2ª vaga, sentem-se objecto de atitudes e valores contraditórios existentes na sociedade. Assim, estas mulheres queixam-se frequentemente da impenetrabilidade dos portugueses, das tentativas de assédio sexual, mesmo quando têm companheiros ou são casadas, bem como de trabalharem mais horas e em trabalhos mais pesado que as colegas portuguesas. Mas outras, referem ter amizade com portugueses, terem sido ajudados na legalização e na instalação, ressaltando a proximidade linguística e cultural. Quanto às que estão acompanhadas dos filhos, salientam a segurança e a existência de melhores condições para lhes proporcionar um melhor futuro.²¹

Convém ainda referir que há um contingente substancial de mulheres brasileiras exploradas pelo tráfico sexual sendo Portugal identificado, segundo o relatório da ONU sobre o tráfico de Crianças, Prostituição e Pornografia, como destino final de oito rotas brasileiras de prostituição. Não sendo possível estimar o número certo de mulheres envolvidas, crê-se que o número possa rondar as 4 000, alternando períodos de estadia entre Portugal e Espanha, nomeadamente em casas de prostituição, chamadas *casas de alterne*, nas regiões fronteiriças, sempre ao abrigo de grandes interesses instalados, como os clubes de futebol e as empresas de construção civil.²²

¹⁹ Foram 30 000 os brasileiros que realizaram a sua inscrição para futura regularização quando da assinatura do acordo de 2003, entre o Presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva e o Primeiro-ministro de Portugal Durão Barroso. Em 6 de Junho de 2004 o Secretário de Estado da Presidência, Feliciano Barreiras Duarte afirmava ao jornal *Público*, de Lisboa, que o número de brasileiros com pré-registo era de 50 000.

²⁰ Dados em fase de recolha pelo projecto já citado *TV Imagens da Diferença*, FCT/FEDER, POCTI/COM/45553/2002

²¹ Confrontar o artigo já citado do jornal *Público* de 2 de Nov. de 2003, p.4 de R.D. FELNER «Brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões: a língua, afinal, não facilita as relações transatlânticas»; «Os imigrantes brasileiros vivem á parte, fazendo amizades entre si, namorando entre si»; «Choque cultural, choque sexual, ou mero efeito das *mães de Bragança*?»; Dados em fase de tratamento obtidos no Projecto *TV e Imagens da Diferença*, FCT/FEDER, POCTI/COM/45553/2002

²² Testemunhos da Associação Galega Alecrim à Rádio Televisão Portuguesa emitidos no Telejornal das 20h de 18/11/03.

De momento, são estes os indicadores que permitem uma leitura destas mulheres imigrantes. Contrariamente às teorias que promulgam a invisibilidade das mulheres imigradas é grande a visibilidade das brasileiras o que tanto pode decorrer de motivos de natureza histórica e cultural, como das actividades exercidas no comércio e na restauração. Se em abono dos motivos de natureza histórica e cultural são evocadas a língua e as raízes culturais comuns, bem como o passivo da *relação privilegiada entre portugueses e brasileiros*, não deve, também, ser esquecida a amplamente glosada atracção dos homens portugueses por mulheres de *regiões tropicais*.²³No entanto, são as actividades destas imigrantes, nas lojas, supermercados, cafés, restaurantes, hotéis e muitos outros serviços que lhes dão grande visibilidade no quotidiano, potenciando os contactos humanos e suscitando, com a sua presença, interesses de investigação académica.

A estes fundamentos acresce o grande protagonismo, em Portugal, das indústrias culturais brasileiras que há mais de trinta anos vêm explorando, desde a exibição da telenovela *Gabriela Cravo e Canela*, em 1977, o *nicho de mercado* mulher brasileira. Com base nesta constatação pode-se perguntar até que ponto há uma contaminação entre a imagem mediatizada da mulher brasileira e a percepção da mulher imigrante brasileira no quotidiano, isto é, em que medida as imagens da mulher brasileira exibidas em revistas femininas, na publicidade, nos shows de música e na telenovela condicionam a imagem da mulher imigrante brasileira.

III. As mulheres imigrantes brasileiras e o consumo das Indústrias Culturais em Portugal

A presença da indústria cultural brasileira em Portugal data dos finais dos anos sessenta, chegando através da imprensa e da música. Para se compreender estes factos é necessário recordar que no final da década de sessenta, e apesar da ditadura, os grupos de comunicação brasileiros, possuidores de uma estrutura familiar e competitiva, tinham alcançado grande desenvolvimento e expandindo os seus interesses na imprensa e no audiovisual. A *Editorial Abril*, por exemplo, desenvolveu produtos para públicos diversificados, como os fascículos de História de Arte e de Mitologia Grega, possibilitando o acesso a temas até então exclusivos das elites. Ao mesmo tempo,

²³ Na literatura portuguesa e nos ensaios, nomeadamente nas obras de Eduardo Lourenço, muito especialmente na intitulada *O Labirinto da Saudade*.

editava revistas femininas, como as fotonovelas, e as revistas em quadrinhos, direccionadas para os jovens. Todas estas publicações chegavam a Portugal, bem como algumas obras censuradas pela ditadura portuguesa, mas traduzidas no Brasil, nomeadamente pela Livraria *O Globo*, de Porto Alegre. Durante o mesmo período, a música popular brasileira (MPB) ocupava grande parte das horas de emissão nas rádios portuguesas, obrigadas a emitir em língua portuguesa. Nos finais dos anos sessenta e início dos anos setenta, a única estação de televisão, de natureza pública, apresentava periodicamente shows musicais e programas humorísticos brasileiros.

Após a Revolução de 25 de Abril, a indústria cultural brasileira ganhou novas dimensões em Portugal com a chegada de grande número de exilados da ditadura que promoveram o cinema e o teatro de vanguarda brasileiros. A exibição continua de telenovelas no *prime-time* do único canal de televisão português, a partir de 1977, e a utilização deste produto e de todos os que lhe estão associados (revistas de televisão, música, shows, estrelas de televisão, moda, etc.) criaram em Portugal um enorme mercado para a indústria cultural brasileira. Esta realidade adquire, ainda, novos contornos na década de noventa, quando se iniciam as actividades dos operadores privados de televisão. A participação da *Rede Globo* brasileira como accionista da estação televisiva portuguesa *SIC* (Sociedade Independente de Comunicação) e o acordo de exclusividade assinado em 1994, entre as duas para a exibição das telenovelas da primeira em Portugal, vai consagrar este produto como a grande ferramenta das guerras de audiência entre os canais privados e públicos.

As telenovelas brasileiras e as mulheres imigrantes

O produto mais bem sucedido da indústria cultural brasileira em Portugal é a telenovela. Como se sabe, o Brasil é um produtor de telenovelas desde os finais da década de cinquenta e iniciou a exportação para Portugal em 1974. Até hoje os portugueses já visualizaram cerca de 230 telenovelas, na maioria exibidas no *prime-time*, muitas delas re-exibidas por diversas vezes e em diferentes estações e horários. Ao longo destes trinta anos, homens e mulheres portugueses cresceram visualizando *estórias*, dramáticas e cómicas, contadas em português do Brasil, onde mulheres sensuais e homens viris lutavam por amor, poder e dinheiro. Nestas *estórias* muitas portuguesas, e portugueses, observaram outros modelos de família, sexualidade e

sociabilidade e afirmaram *aprender com a telenovela*.²⁴ Ao mesmo tempo, este *stock* de imagens e representações incorporadas no *olhar* dos portugueses, independentemente do género e advindas da visualização de trinta anos de telenovelas brasileiras, parece ter reflexos no *olhar colectivo* sobre as mulheres imigrantes brasileiras.

Para melhor se compreender esta realidade, convém evocar os estudos sobre a telenovela, nomeadamente na perspectiva das representações e da recepção. O género ficcional telenovelas, sinónimo ou alternativo a *soap-operas*, encontra-se definido na literatura internacional como sendo um produto essencialmente dirigido a públicos femininos.²⁵ Na perspectiva dos estudos sobre as representações, nos anos sessenta e setenta, estes estudos denunciam os estereótipos que envolvem as mulheres, acusando os media de as embalar como mercadorias prontas a serem consumidas num mundo de hegemonia masculina. Nos anos oitenta, os media incorporam estas denúncias e surge a *política de representação* da mulher que procura corrigir as imagens estereotipadas, salientando através de discursos politicamente correctos, o *verdadeiro papel da mulher*. Na década de noventa e nos primeiros anos do milénio, as representações diversificam-se, acompanhando o desenvolvimento tecnológico dos media, a progressiva heterogeneidade dos meios de comunicação e os processos de globalização simbólica das mensagens.

Ao longo destes anos as representações das mulheres nas telenovelas brasileiras em Portugal, nunca foram objecto de estudo académico. Alguns comentadores de televisão, ou líderes de opinião,²⁶ em função das tramas e das personagens das *estórias* debruçaram-se sobre esta temática. No entanto, nos poucos inquéritos de rua e sondagens realizados por órgãos de comunicação sobre as telenovelas e sua aceitação, são constantes as referências às mulheres/personagens/atrizes, evocando-se, para além do profissionalismo, a sua beleza, sensualidade e erotismo.²⁷ Por outro lado, estudos

²⁴ Estudos sobre a recepção da telenovela brasileira em Portugal, nomeadamente os de V. Policarpo [V.POLICARPO, *Telenovela brasileira: apropriação, género e trajectória familiar*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005] e os realizados nos Projectos financiados pela Fundação Ciência e Tecnologia (FCT) *O masculino e o feminino nas telenovelas brasileiras* e *TV e imagens da diferença*.

²⁵ As Teorias dos Usos e Gratificações, quebrando a ideia dos efeitos directos e indirectos, vão dar início aos estudos sobre «usos dos média», inaugurando os estudos sobre géneros populares na perspectiva da recepção e audiências. Dentro de outros salientam-se os trabalhos de I. ANG [*Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination*, London, Methuen, 1985] e C.GERAGHTY [*Women in Soap*, Cambridge, Polity Press,1991] que procuram definir o género televisivo *soap opera* e caracterizá-lo como produto para mulheres.

²⁶ Entre outros assinala-se as colunas sobre televisão de Mário Castrim no *Diário de Lisboa*, nos finais da década de setenta e a coluna de Eduardo Prado Coelho, no *Público* na década de noventa.

²⁷ Cfr, por exemplo, *Sondagem Telenovelas/SIC: as 20 novelas proferidas dos portugueses*, SIC, Expresso, Abril, 1998.

brasileiros sobre as imagens da mulher nas telenovelas, denunciam a *coisificação* da mulher, a sua transformação em objecto de consumo e prazer, para além de consolidarem estereótipos de classe, género e raça.²⁸

No entanto, na perspectiva da recepção denominada o *paradigma das audiências activas*,²⁹ desenvolve-se a orientação teórica que *assistir à televisão* e por conseguinte às telenovelas, não é uma actividade passiva. Para estes autores, cada indivíduo, em função dos seus contextos sociais e culturais, bem como das suas trajectórias de vida, vão realizar leituras singulares.³⁰ Estas leituras são formas de apropriação dos sentidos, tipificadas em função de três características: a rejeição, a negociação e a adesão. Assim, nas leituras de rejeição, os sentidos veiculados nas mensagens são liminarmente recusados, nas leituras negociadas, há uma discussão sobre os diversos sentidos veiculados, sendo uns rejeitados e outros incorporados e finalmente, nas leituras de adesão, há uma anuência aos sentidos propostos nas mensagens.³¹

Dentro desta corrente teórica, poder-se-ia situar alguns estudos recentes sobre a recepção da telenovela brasileira em Portugal, que apontam para a ideia dos conteúdos serem percebidos, independentemente do género, como sugestões de comportamento e modelos de sociabilidade. Contudo, salientam-se algumas diferenças importantes, entre homens e mulheres, no que respeita à valorização das tramas. Enquanto as mulheres valorizam o amor romântico e a determinação das personagens femininas, os homens salientam o amor sexual e os percursos de sucesso (material, amoroso, sexual) das personagens, sobretudo masculinas.³² Ao cruzar este contexto de recepção com testemunhos de mulheres imigrantes brasileiras sobre os processos de integração, nota-se que elas referem com insistência determinados estereótipos com que os portugueses,

²⁸ Por exemplo, os trabalhos de Anamaria Fadul [A.FADULI, E. MCANANY e O. MORALES, *As temáticas sócio-demográficas nas telenovelas brasileiras*, São Paulo, Documento de trabalho, NPTN/ECA, 1996] Joel Zito Araújo [J.Z.ARAÚJO, *O negro na telenovela brasileira: A negação do Brasil*, São Paulo, SENAC, 2000], respectivamente sobre as temáticas /personagens e o negro nas telenovelas brasileiras.

²⁹ Cfr: C.BARKER, *Cultural Studies*, London, Sage, 2003: 269.

³⁰ Cfr. Por exemplo, o trabalho de Elihu Katz e Tâmara Leibs sobre as leituras singulares da *soap opera Dallas* [E.Katz e T. LEIBS, *The export of meaning. Cross cultural readings of Dallas*, Oxford, University Press, 1991], ou por exemplo, o trabalho de Immacolata Vassalo Lopes, Sílvia Borelli e Vera Resende sobre formas de recepção e apropriação diferenciada em três famílias de estratos sociais diferentes na cidade de São Paulo, Brasil [I.V.LOPES, S. BORELLI e V.RESENDE, *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade*, São Paulo, Summus, 2002]

³¹ Cfr: S. HALL, 1973 «Encoding/Decoding », in S. HALL e all, *Culture, Media, Language*, London, Hutchinson University, 1980.

³² Resultados dos estudos já citados de V. Policarpo e dos Projectos financiados pela Fundação Ciência e Tecnologia (FCT) *O masculino e o feminino nas telenovelas brasileiras* e *TV e imagens da diferença*.

homens e mulheres, as *olham*. Por coincidência ou não, os mesmos com que caracterizam as personagens femininas das telenovelas brasileiras, mas também aqueles que evocam um imaginário colonial sobre a *mulher dos trópicos*. Um imaginário que tem vindo a ser entendido pelas mulheres portuguesas como ameaça e pelos homens como convite ao prazer, assentando em imagens físicas (mulheres jovens e mestiças) e em comportamentos e hábitos tidos como liberais (vislumbrados nas roupas leves e coloridas e no coquetismo da apresentação do eu).

As brasileiras na imprensa e na televisão: o caso mulheres prostituídas

Na imprensa, só entre 2003 e 2004, mais de metade das matérias publicadas sobre as mulheres imigrantes, na imprensa de qualidade e popular, referiam-se às mulheres brasileiras prostituídas. Nas quatro televisões de sinal aberto, em cerca de 600 peças de jornais televisivos que abordam durante estes últimos dois anos a imigração, cerca de 30% focam a mulher imigrada, mas o tema mais tratado isoladamente, e a que foi atribuído mais tempo, refere-se às mulheres brasileiras prostituídas. No ano de 2003, dois acontecimentos contribuíram para esta realidade, o manifesto das *Mães de Bragança*, em Abril, contra a permanência das prostitutas brasileiras na cidade e a publicação, na revista *Time* de 14 de Outubro, de uma matéria sobre esta cidade e as redes de tráfico sexual a operarem em Portugal. No ano de 2004, as rotinas das *rusgas policiais*, os julgamentos dos donos das *casas de alterne* e os escândalos do futebol continuaram a conferir visibilidade a esta matéria.

O Manifesto das *Mães de Bragança* (uma cidade do interior Norte de Portugal, situada numa das regiões mais pobres, perto da fronteira com a Espanha) teve origem num auto denominado grupo de mulheres de família, que se uniram em defesa dos matrimónios postos em perigo pelas actividades das *meninas brasileiras*. A repercussão desta denúncia feita à Câmara Municipal e aos órgãos de comunicação foi muito maior do que esperavam as suas promotoras. Primeiramente, abriu caminho à curiosidade pública sobre o fenómeno das *casas de alterne*, em seguida tornou o tema e as suas personagens matéria policial e jornalística. Por último, obrigou as autoridades públicas e a sociedade civil a investigar as complicadas redes de prostituição que envolvem o futebol, a construção civil, o tráfico de seres humanos e a lavagem de dinheiro.

As matérias jornalísticas publicadas na imprensa e editadas nos jornais televisivos, independentemente do ponto de vista, do tom e da argumentação utilizados, têm em comum um certo *olhar* sobre as mulheres representadas. Um *olhar* que se trai nos

discursos, quer sejam escritos, orais ou visuais, organizados ou não, por dispositivos técnicos e cénicos. É preciso referir que a imprensa de qualidade é mais cautelosa no tratamentos destas matérias que a imprensa popular ou regional, sendo comum a estas últimas utilizar a temática de forma espectacular. Assim, se nos textos escritos predomina, na imprensa de qualidade, a notícia factual, nos jornais populares e regionais a norma é a narrativa *fait-divers*, acentuada pela dramaticidade e pelo apelo à moral e aos bons costumes. Mas os títulos, as fotografias e suas legendas vão trair, em muitos casos, o discurso bem comportado, reforçando elementos de estereótipos sobre as mulheres imigrantes brasileiras ao dar ênfase a cenários de casas nocturnas e às poses provocantes em roupas sumárias.

Nas televisões os dispositivos cénicos e técnicos funcionam ainda mais como factores de reforço. Primeiramente, têm sido muitos os jornais televisivos a fazer aberturas com chamadas do tipo: «*Mega rusga policial: mulheres brasileiras identificadas em bares de alterne*»; «*Brasileiras ilegais detidas em casas de alterne*»; «*São oito as mulheres brasileiras detidas numa operação policial em Mirandela*». ³³ Em seguida, quando se fazem imagens destes acontecimentos e não é eticamente admissível mostrar os rostos das mulheres, os discursos tendem a ser politicamente correctos, enquanto as câmaras, na penumbra, ressaltam, mais uma vez, em cenários lascivos (por exemplo, as colunas de *strip-tease*) partes eróticas dos corpos femininos (por exemplo, nádegas e seios) e pormenores de vestuário (por exemplo, meias rendadas em pernas nuas), acompanhando as imagens música sugestiva.

Para terminar, tanto na imprensa como nos jornais televisivos, os testemunhos populares de mulheres portuguesas, os mais reproduzidos, vão acusar as brasileiras de ter feitiços e artimanhas para prender os homens, levando as famílias à desagregação. ³⁴ Quanto aos testemunhos das mulheres brasileiras oscilam entre a denúncia de exploração sexual e a declaração dos objectivos que presidiram à escolha da sua actividade. Neste último caso, as trajectórias de vida levam quase sempre a grandes carências familiares e a filhos a sustentar no Brasil.

³³ Cfr. O trabalho de I F. Cunha, *Os jornais televisivos e a imigração*, Actas do XXVIII Congresso da Intercom, 2004, Porto Alegre.

³⁴ Cfr: os seguintes artigos de jornais: «Homens de Bragança de cabeça perdida», *Jornal de Notícias* (Porto), Ed. Centro, 2 de Maio de 2003: 1 página com fotografia; «Sexo: tentações brasileiras em Trás-os-Montes, são loucos por elas», *Correio da Manhã* (Lisboa), 4 de Maio de 2003:13.

Conclusão

Nesta exposição apresentaram-se fragmentos da realidade, e indicadores da presença e construção, da imagem das mulheres brasileiras imigradas em Portugal.

Trata-se de um trabalho que sintetiza investigações levadas a cabo em diversas áreas disciplinares, não só sobre as Migrações, mas também, sobre representações dos imigrantes na sociedade portuguesa. Apesar de estarem, ainda, poucos trabalhos disponíveis que abranjam tanto a totalidade da imigração brasileira, como especificamente a imigração feminina, tentou-se apresentar um quadro indicativo da situação. Por outro lado, discutiram-se os dados recolhidos à luz das teorias das Migrações, procurando mostrar que a realidade das mulheres brasileiras em Portugal deve ser lida em função dos contextos culturais e sociais portugueses. No que respeita a estes últimos, teve-se especial atenção aos paradoxos da condição feminina em Portugal, e à ambiguidade que preside, desde os tempos do Império, às relações entre *Nós* e os *Outros*, sobretudo no que toca ao Brasil, aos brasileiros e às relações entre sexos.

Por outro lado, discutiu-se e refutou-se as teorias da invisibilidade, demonstrando que as imigrantes brasileiras têm adquirido grande visibilidade, não só através das actividades exercidas nos serviços e no comércio, mas também por estarem associadas a um fluxo contínuo de imagens e produtos mediáticos com origem no Brasil. Considerou-se ainda que os estereótipos, e as representações decorrentes destes, tinham sido insistentemente veiculados em determinados produtos da indústria cultural brasileira em Portugal, nomeadamente nas telenovelas da *Globo*, durante o *prime-time* e por cerca de trinta anos. Assim, entende-se que a televisão é o grande construtor das representações sobre o *Outro* que está entre *Nós*, sendo particularmente importantes as representações visualizadas nos períodos de *prime-time* que agregam a maioria dos públicos. Esta perspectiva encadeia-se em pesquisas recentes sobre a televisão que procuram investigar a relação que se estabelece entre produtos prolongadamente visualizados, como as telenovelas, e determinados comportamentos e percepções sociais. Estes estudos partem do princípio que os produtos mais vistos no *prime-time* tendem a promover uma visão conservadora e conformista do mundo, consolidando não só agendas temáticas e determinadas representações padronizadas de identidades sexuais e de relações entre os sexos, como papéis de género e papéis sociais.³⁵

³⁵ O texto de C. SEGRIN e R.L. NABI [C.SEGRIN e R.L.NABI, 2002 «Does Television Viewing Cultivate Unrealistic Expectations about Marriage?» *Journal of Communication*, 53: 247-263] reforça a

Estes estudos talvez nos permitam explicar, por exemplo, alguns títulos de artigos de jornais, que apresentando as dificuldades porque passa a comunidade brasileira em Portugal, estabelecem a relação entre a imigração feminina brasileira e a exibição das telenovelas.³⁶ É necessário, também, lembrar que há décadas a mulher brasileira, *como produto*, vinha sendo anunciado pelas telenovelas em corpo inteiro, através de recursos técnicos e cénicos que valorizam corpos fisicamente perfeitos, ao mesmo tempo que encenavam personagens femininas de grande força psicológica sublinhadas por caracterizações redundantes, próximas dos estereótipos. Simultaneamente e contraditoriamente, numa sociedade em acelerado processo de mudança, como é a sociedade portuguesa, estas imagens têm constituído, frequentemente, modelos femininos de emancipação,³⁷ criando espaços propícios à materialização de muitos dos enredos visualizados nas *estórias* ficcionadas e proporcionando um amálgama entre públicos e personagens, enredos ficcionais e enredos reais. Uma situação que só poderá ser entendida dentro de um quadro teórico que evoque os mundos imaginados e as comunidades de sentido e sentimentos de Appadurai e Anderson.

ideia que os géneros televisivos acentuam a telenovelização da vida, sobretudo nas jovens. Enquanto o texto de LHOLBERT, SHAH e KWAK [L. HOLBERT, D.V. SHAH e N. KWAK, 2003«Political Implication of Prime-Time Drama and Sitcom Uses: Genres of Representation and Opinions Concerning the Women's Rights»*Journal of Communication*, 53: 45-63] discute os potenciais efeitos das representações presentes nos géneros televisivos do prime-time numa visão conservadora do mundo.

³⁶ Cfr. o *Destaque* do jornal *Público* (Lisboa) de 3 de Novembro de 2003, a matéria assinada por R. D. FELNER, com base num trabalho elaborado pelo dirigente da Casa do Brasil, em Lisboa «A triste novela dos brasileiros que não sambam»; «brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões».

³⁷ I. F. CUNHA «As telenovelas brasileiras em Portugal: indicadores de aceitação e mudança» *Revista Trajectos* (Lisboa), 3:19-24.